

ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE O PERFIL DE PROFESSORES E SUAS METODOLOGIAS

Sauloéber Társio de Souza

Universidade Federal de Uberlândia - Brasil

Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro

Universidade Federal de Uberlândia - Brasil



Resumo

O texto propõe reflexões sobre o perfil dos professores da disciplina de História da Educação no Brasil, bem como suas metodologias de trabalho. O levantamento de dados foi realizado junto a 33 professores representantes de todas as regiões do país em congresso da área (São Luís-MA, 2010). Subsidiados pelo estudo do percurso histórico da disciplina e pela análise dos dados obtidos, enfatizamos a cultura profissional dos docentes por entender que sua atividade representa proposta de aprendizado sobre algo, cujo conteúdo e materiais de trabalho são forjados pelos modos de fazer do professor. É possível observar a feminização dos docentes da disciplina, que têm em média 45 anos de idade e 13 anos de atuação no magistério superior, 74% são graduados em Pedagogia e História.

Palavras-chave: ensino de história da educação, professores, cultura profissional.

TEACHING OF THE HISTORY OF EDUCATION IN BRAZIL: REFLECTIONS ON THE PROFILE OF TEACHERS AND THEIR METHODOLOGIES

Abstract

The text proposes reflections on the backgrounds of the teachers of the discipline History of Education in Brazil, as well about their working methods. The survey was conducted with 33 teachers representing all regions of the country in a congress (São Luís-MA, 2010). Subsidized by the study of the historical path of that discipline and data analysis, we emphasize the professional culture of these teachers, understanding that their activity is a proposed of learning about something, whose contents and work materials are forged by teachers practices. You can see the feminization of teachers of this discipline, who have 45 years old on average and 13 years of experience in university teaching, 74% are graduates in Pedagogy and History.

Key-words: teaching history of education, teachers, professional culture.

LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN EN BRASIL: REFLEXIONES SOBRE EL PERFIL DE LOS PROFESORES Y SUS METODOLOGÍAS

Resumen

El texto propone reflexiones sobre el perfil de los maestros de la disciplina de Historia de la Educación en Brasil, así como sus metodologías de trabajo. La encuesta se realizó con 33 profesores de todas las regiones del país en la zona de congreso (São Luís-MA, 2010). Subvencionado por el estudio de la trayectoria histórica de la disciplina y el análisis de los datos obtenidos, hacemos hincapié en la cultura profesional de los profesores a entender que su actividad es propuesta del aprendizaje del algo, cuyo contenidos y materiales de trabajo son forjados por los modos de hacer del maestro. Es posible observar la feminización de los profesores de la disciplina, que tienen un promedio de 45 años de edad y 13 años de experiencia en la enseñanza universitaria, el 74% son graduados en la Pedagogía y la Historia.

Palabras-clave: enseñanza de la historia de la educación, profesores, cultura profesional.

ENSEIGNEMENT D'HISTOIRE DE L'ÉDUCATION AU BRÉSIL: REFLEXIONS SUR LE PROFIL D'PROFESSEURS ET LEURS METHODOGIES

Resumé

Le texte propose des réflexions sur les origines des professeurs de l'histoire de l'éducation au Brésil, ainsi que leurs méthodes de travail. Le sondage a été mené avec 33 professeurs représentant toutes les régions du pays dans la zone de congrès (São Luís-MA, 2010). Subventionné par l'étude de la trajectoire historique de l'analyse de l'histoire de la discipline et de données, nous insistons sur la culture professionnelle des professeurs à comprendre que leur activité est proposée de l'apprentissage de quelque chose, le contenu et le matériel de travail sont forgés par les moyens de rendre l'enseignant. Vous pouvez voir la féminisation des professeurs de l'histoire de la discipline, qui ont en moyenne 45 ans et 13 ans d'expérience dans l'enseignement universitaire, 74% sont diplômés de l'éducation et l'histoire.

Mots-clé: enseignement d'histoire de l'éducation, professeurs, culture professionnelle.

Introdução

O texto resulta de investigação desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Disciplina História da Educação - Gepedhe - e tem como objetivo central promover reflexões sobre o perfil dos professores da disciplina de História da Educação no Brasil, bem como suas metodologias de trabalho. O levantamento de dados foi realizado junto a 33 docentes no último Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (São Luís-MA, 2010)¹. Segundo Magalhães (2005, p. 95),

os congressos constituem, pelo elevado número de participantes e pelo envolvimento logístico, financeiro e institucional, importantes momentos de

¹ A aplicação dos questionários cobriu todas as regiões do país e contou com a colaboração das alunas de Iniciação Científica da UFU, campus do Pontal, que tem apoio da Fapemig e do CNPq, a saber: Daiane de Lima Silveira, Isaura Melo Franco, Jennifer Maria Matos e Valéria Aparecida Lima.

exposição e inventariação de idéias e de perspectivação de campos do saber, factores de afirmação institucional e grupal, como que certames/feira de idéias e de projectos.

Nesse sentido, buscamos realizar um exercício de perspectivação do grupo de professores da disciplina de história da educação presente nesse evento científico. Mesmo que o recorte realizado (33 questionários) em princípio apresente-se restrito já que o universo do congresso reuniu mais de um milhar de participantes, a abordagem dos colaboradores da pesquisa foi limitada aos professores brasileiros que atuam em instituições de nível superior com a História da Educação, o que restringiu o recorte do levantamento, já que se excluíram alunos de graduação, de pós-graduação, além dos demais participantes do evento que não se enquadraram no perfil.

Outro dado que reforça a importância dos levantamentos realizados em congressos é o paralelo com pesquisas feitas a partir de fontes institucionais ou documentais, como o estudo promovido por Borges e Gatti Jr. (2010), que buscaram refletir sobre o *status* atual da disciplina de História da Educação por meio da consulta a 124 planos de 55 instituições brasileiras. Nesse trabalho, por exemplo, foi apontado que 75% dos professores da disciplina de História da Educação tem graduação em Pedagogia (45%) e História (30%). Em nosso levantamento, o dado encontrado foi de 74% (48% e 26%, respectivamente), portanto, a amostragem colhida no congresso mostra-se significativa, mesmo considerando-se pequenas distorções percentuais².

Além da análise a partir dos dados empíricos, subsidiamo-nos pelo estudo do percurso histórico da disciplina e buscamos enfatizar a cultura profissional³ dos docentes, por entender que sua atividade representa proposta de aprendizado sobre algo, cujo conteúdo, ferramentas e materiais de trabalho são forjados pelas vivências e modos de fazer do professor:

Uma perspectiva de apreensão e compreensão das disciplinas acadêmicas e curriculares, [...] pode ser operada não só por meio da análise do modo

² Em recente estudo Warde (2011) analisou 140 currículos de professores de História da Educação com vínculos profissionais estáveis e relações consolidadas no campo da disciplina (publicações e ensino) e chegou aos seguintes números: 42% graduados em Pedagogia e 27% em História, totalizando 69% dos currículos avaliados, portanto, um dado bastante próximo da amostragem colhida no Luso-Brasileiro em São Luís-MA.

³ Segundo Santos (2000, p.67): “toda a cultura profissional passa em primeiro lugar por um processo de socialização profissional. Conclui-se que embora não se possa falar de uma cultura profissional única (pois a cultura profissional varia de país para país, de nível de ensino para nível de ensino, etc.) um dos seus traços mais marcantes tende a ser um forte individualismo, no entanto a identidade profissional dá-se na socialização, é certo que a análise da cultura profissional pode constituir uma questão não consensual, uma vez que é desenvolvida a partir de diversas categorias, e é, no entanto, possível encontrar-se acordo quanto a influência profunda que essa cultura determina no trabalho e no percurso profissional dos professores.”

como a História da Educação está instituída nos currículos, mas também pelos programas de ensino e pelos testemunhos dos respectivos professores. (Rodrigues, 2011, p. 146)

Tal ponto de partida nos conduz à discussão inicial voltada para o campo da história das disciplinas escolares, objeto de estudo de diversos pesquisadores já há algumas décadas, interesse historiográfico articulado às questões da política educacional, mas também de uma renovação teórico-metodológica decorrentes da crise paradigmática em fins do século 20.

A partir dos anos de 1970, o movimento de reformulação curricular ganhou prioridade dentro das novas políticas educacionais. Nesse processo, a escola deixa de ser analisada, exclusivamente, a partir de um contexto macro, de maneira que o conhecimento produzido em seu interior avançou nas preocupações dos pesquisadores de vários países do ocidente. Assim:

o cotidiano escolar, as práticas de ensino de professores e alunos e os materiais escolares começaram a ser considerados relevantes no processo educacional e, nesta perspectiva, as disciplinas escolares tornaram-se objeto de investigação, buscando-se justificar ou compreender o papel e o significado de cada uma delas na definição dos novos currículos, e preocupando-se, entre outras dimensões, em identificar e apreender o conhecimento escolar por elas produzido. (Bittencourt, 1999, p.147)

Entendemos que o estudo da gênese e de diferentes momentos de constituição dos saberes escolares sistematizados em determinada disciplina colabora para a compreensão da cultura profissional dos professores que nela atuam, especialmente, suas opções teórico-metodológicas, determinantes da prática cotidiana no interior das salas de aula.

Mas o movimento é dialético, de forma que também a cultura profissional do docente é importante na construção de determinado plano disciplinar, sujeitando a escolha de conteúdos à vivência do professor. Como apontou Magalhães (2011, p. 186), na elaboração de um plano de história da educação “é forçoso admitir uma selecção, pois que é inviável, em qualquer circunstância didático-pedagógica, a leccionação de uma história da educação total”. Além dos textos oficiais que chegam à escola, devem-se considerar os produzidos em seu interior, tais como planos de aula dos professores, livros e manuais escolares, cadernos de alunos, provas e avaliações. De acordo com Magalhães (1998, p. 14):

as disciplinas, enquanto domínios do conhecimento científico, autônomos, não apenas não existiam assim arrumadas antes da formação das

disciplinas escolares, como na sua constituição o primado da educação supera o da ciência.

Portanto, a investigação das práticas no interior das salas de aula revela um novo repertório de saberes não demarcados de forma institucional, porém, de grande importância no estudo da cultura profissional do corpo docente que atua em determinada disciplina ou conjunto delas. Para André Chervel (1990) o saber escolar seria fundamental para se superar os pressupostos da idéia de que as mudanças no âmbito escolar teriam início fora dele, pela atuação de elites intelectuais ou pelo poder de Estado:

Aliando os pressupostos políticos aos epistemológicos, Chervel contribuiu para avanços na pesquisa ao demonstrar a ausência de neutralidade nos debates e nos métodos de estudos sobre disciplinas escolares. A história das disciplinas escolares, segundo Chervel, deve partir de uma concepção de disciplina entendida em suas especificidades, com objetivos próprios, que se articula com os demais saberes, mas não forma um conhecimento menor, de segunda classe, e, nesta perspectiva, as pesquisas históricas devem se preocupar em entender suas especificidades e sua autonomia. (Bittencourt, 1999, p.148)

Nessa perspectiva, entendemos que o nosso trabalho localiza-se no campo de interesse da história das disciplinas escolares. O estudo do perfil dos docentes e a identificação de suas práticas nas salas de formação de professores pelo país, sobretudo nos cursos de Pedagogia, podem mostrar mudanças e permanências de média e longa duração ocorridas ou em processo no ensino de história da educação.

Perfil docente

Pelos dados obtidos é possível afirmar que a feminização dos docentes de história da educação em nível superior é algo relevante. Cerca de 74% dos questionários foram respondidos por professoras, número acima da média geral do ensino superior, cuja presença feminina ainda não chega a 45% e situação que difere radicalmente dos outros níveis de ensino.⁴

Embora constatado neste levantamento que as mulheres sejam a maioria no exercício da docência da disciplina de História da Educação, o mesmo não ocorre no ensino superior de uma forma geral. Tal evidência tem relação com o surgimento da disciplina no contexto de crença no potencial renovador do ato educativo, em meio à

⁴ O censo do IBGE (2009) mostra que o perfil médio do professor de instituição pública é do sexo masculino, média de idade de 44 anos, brasileiro, com doutorado e regime de trabalho em tempo integral. Nas instituições particulares também predominam os homens, com média de 34 anos, brasileiros, com mestrado e regime de trabalho horista, recebem pagamento de acordo com a carga horária e têm como função exclusiva ministrar aulas.

atuação dos Estados nacionais republicanos para estatização do ensino, e na institucionalização da formação de professores, especialmente, pela implantação das escolas normais (Nóvoa, 1994).

Assim, com o processo de profissionalização do professorado, num primeiro momento, e, depois com a gradativa feminização do magistério, especialmente nos cursos de formação de professores, esse espaço se constituiu num dos primeiros refúgios para as mulheres que adentravam ao mercado de trabalho em fins do século 19 e nas primeiras décadas do século 20. De acordo com Villela (2000, p. 119),

num espaço de cinco décadas, uma profissão quase que exclusivamente masculina tornar-se-ia prioritariamente feminina, sendo que a formação profissional possibilitada por essas escolas teria papel fundamental na luta das mulheres pelo acesso a um trabalho digno e remunerado.

Em princípio, a feminização do magistério, especialmente na formação de professoras e nas escolas primárias, colocaria as mulheres a serviço da difusão de normas morais dominantes. Mais tarde, esse discurso da moralidade assumiu significados diferenciados sob influência dos discursos higienistas, de forma que a imagem feminina na escola foi associada ao lar, à criança e à promoção de uma sociedade sadia.

Essa tendência moldaria também o ensino da história da educação forjado, sobretudo, no interior das escolas normais, cuja marca mais acentuada seria a reprodução de um conjunto de dados extraídos de documentos oficiais e reunidos nos manuais que circulariam desde o início do século 20 pelo país, mas com maior intensidade a partir dos anos de 1930. Essas observações são importantes para compreendermos como a cultura profissional do professor de história da educação foi sendo constituída em mais de um século de experiências acumuladas.

Os 33 professores entrevistados atuam no ensino de história da educação em 15 diferentes Estados brasileiros, de todas as cinco regiões. A distribuição aleatória dos questionários mostrou certa proporcionalidade no que se refere ao número de instituições de ensino superior no país, ou seja, as regiões de maior população foram mais representadas na pesquisa: Sudeste 32%, Nordeste e Sul 24%, Centro Oeste e Norte 10%.

A faixa etária dos professores colaboradores da pesquisa que atuam no ensino de história da educação em diferentes instituições do país demonstrou que o maior grupo de professores está entre 40 e 49 anos (37%), seguido dos mais jovens entre 30 e 39 anos (33%) e, depois, pelos mais experientes na área entre 50 e 69 anos (30%)⁵.

Acreditando que a renovação da disciplina se vincula à cultura profissional dos docentes, hipoteticamente os 70% dos professores em exercício que estão na faixa etária entre 30 e 49 anos, ainda com perspectiva de trabalho em torno de duas décadas, teriam possibilidade de apontar novas direções para o ensino da disciplina.

Por outro lado, pensando-se em certa homogeneização da carreira dos professores, grande maioria são funcionários públicos, e no recuo das oportunidades de docência na área tendo como referência a expansão da década passada, Warde (2011) acredita que a disciplina História da Educação entrou em fase de estabilização ou cristalização dos seus traços atuais:

A maior renovação na história da educação se deu com a geração que concluiu seus cursos de graduação nos anos 80 e que é a mesma geração que completou o mestrado nos anos 90, bem como o doutorado que seguiu crescendo na primeira década do século 21. Esse é o momento em que tem início a renovação de docentes/ pesquisadores/autores seja pelo afastamento dos antigos quadros, seja pela ampliação de vagas; portanto, é o momento em que as novas temáticas, novas abordagens etc. começam a ser postas em circulação pelos historiadores da educação já comprometidos com a disciplina desde anos anteriores. (Warde, 2011, p. 318)

É preciso distinguir, contudo, os diferentes grupos entrevistados no congresso. Apoiando-nos em Nóvoa (1995), boa parte dos docentes entrevistados (33% entre 30-39 anos) estaria em fase de estabilização da carreira que implicaria em sentimento de competência pedagógica crescente, percebendo-se mais preparado para enfrentar situações complexas ou inesperadas no seu ambiente de trabalho. Outra parte significativa (37% entre 40-49 anos) localizar-se-ia na fase de diversificação, quando os professores lançar-se-iam em busca de experiências pessoais, diversificando seu material didático, modos de avaliação, os trabalhos em grupo e, até mesmo, a alteração do

⁵ Estes números distinguem-se do estudo de Warde (2011), que apresentou predominância da faixa etária mais avançada entre 52 e mais de 62 anos (41,4%), entre 42 e 51 anos o percentual foi de 36,4%, e entre 32 e 41 anos 17,9%. Será que poderíamos inferir que a disposição para participar em congressos seria mais presente no início da carreira?

programa da disciplina, o que poderia levar, em curto prazo, a um novo movimento de renovação da história da educação⁶.

Os professores que participaram da pesquisa têm, em média, 45 anos e mais de duas décadas de atuação no ensino superior, contudo, no ensino da disciplina de História da Educação I, essa experiência é relativamente pequena, em torno de 8 anos, de forma que 88% dos entrevistados atuam ou atuaram nessa disciplina.

O grupo mais jovem (30-39 anos) tem em média 5 anos de atuação na disciplina (7 anos no ensino superior), enquanto aqueles entre 40 e 49 anos tem 7 anos (11 anos na educação superior) e o grupo mais experiente quase 13 anos na História da Educação (e 22 anos no ensino universitário).

O tempo de experiência pode refletir certa renovação no grupo de docentes no ensino da disciplina, em função, entre outros fatores, do crescente movimento de ampliação dos cursos de graduação nas últimas décadas, seja no ensino público ou no privado, mas também migração dos professores entre diferentes disciplinas nos currículos das licenciaturas, ou seja, nem sempre a formação em nível de pós-graduação na área, garante ao professor sua atuação na disciplina de História da Educação.

Do total dos professores entrevistados, 58% atuaram ou atuam na História da Educação II e apenas 32% na História da Educação III. Isso pode ser entendido também pela observação dos currículos dos cursos que não contam com todas essas três etapas de forma uniformizada pelo país. Em relação a esses dados, não houve grandes distinções entre as diferentes regiões.

Boa parte deles também atuaram no ensino fundamental e médio, 6 anos em média em cada um desses níveis de ensino. Contudo, 35% dos professores lecionaram apenas no ensino superior e 30% atuam em programas de pós-graduação, quase todos na faixa etária entre 50 e 69 anos. Outro dado importante para a compreensão da cultura profissional do docente de história da educação é a sua atuação em disciplinas afeitas ao campo: cerca de 47% declaram ministrar disciplinas como: Sociologia, Estrutura e Funcionamento do Ensino, História da Educação Brasileira e Fundamentos Histórico-Filosóficos da Educação, entre outras.

⁶ Os demais professores (30% entre 50-69 anos) estariam, segundo Nóvoa (1995, p. 44-46), entre as fases da “serenidade e distanciamento afetivo, conservantismo e lamentações, desinvestimento”, seriam momentos que precedem ao encerramento da carreira: “o nível de ambição desce, o que faz baixar igualmente o nível de investimento, enquanto a sensação de confiança e de serenidade aumentam. [...] As pessoas libertam-se, progressivamente, sem o lamentar, do investimento no trabalho, para consagrar mais tempo a si próprias.”

Evidentemente, diferenças são perceptíveis em alguns dos dados levantados quando se consideram as regiões de forma separada, porém, nada muito relevante que mereça detalhamento. Dos entrevistados, 74% atuam em instituições públicas de nível superior, muito embora o ensino superior privado tenha maior amplitude em termos quantitativos. O predomínio dos professores de instituições públicas no evento reafirma essas instituições como *locus* da pesquisa no país. Outra informação importante é o dado de que 62% são doutores em Educação, outros 10% são doutores em áreas afins e os demais são mestres e especialistas⁷.

A maior parte (70%) também afirmou já ter orientado monografias e trabalhos de conclusão de curso no âmbito da história da educação, de maneira que as temáticas mais lembradas na orientação desses trabalhos foram: docência: 38%, cultura escolar 17%, historiografia e fontes 23%, gênero e etnia 17%, outros 14%.

A formação inicial dos professores demonstra grande diversidade, muito embora os cursos de Pedagogia e de História representem 74% do total. Entrevistamos docentes formados em Filosofia, Psicologia, Ciências Sociais, Letras, Direito, Física e Educação Física, atuando no ensino da disciplina. Porém, há uma distinção evidente entre o grupo mais experiente (50-69) e os mais jovens (30-49): no primeiro há predomínio dos graduados em História e Filosofia, enquanto que nos mais jovens a presença dos pedagogos é hegemônica: Pedagogia 48%, História 26%, Filosofia 9%, Psicologia 5%, outras 12%.

Esses dados trazem muito mais questionamentos do que certezas: que reflexos a relativa curta atuação desses docentes na área tem para o ensino da disciplina de História da Educação? Até que ponto que os programas de pós-graduação em Educação que formam os professores em História da Educação têm colaborado para a inserção de novas metodologias de trabalho na prática desses docentes? É possível transferir a graduação de forma mais contundente o conhecimento produzido nos programas de pós com base em renovação teórico-historiográfica dos últimos anos? Que história da educação ensinar?

⁷ Gatti Jr. e Borges (2010) apontaram em seu estudo que 76,9% dos professores da disciplina de História da Educação são doutores, 21,7% possuem o título de mestre e 1,4% possuem especialização, de forma que esses dados são bastante aproximados daqueles que levantamos (72% com doutorado e 28% mestres/especialistas).

Metodologias do trabalho docente

Acreditamos que um dos pontos de abertura e ampliação das pesquisas e do ensino em história da educação tem sido sua perspectiva interdisciplinar que colaborou também para o movimento de renovação de suas metodologias. Essa característica fica evidente na própria formação dos professores da disciplina, bastante heterogênea. Contudo, tal amplitude pode representar ao mesmo tempo sua fragilidade e uma gradativa secundarização da mesma no interior dos currículos dos cursos de Pedagogia. Saviani (2008) e Nóvoa (1999), entre outros, têm apontado certa miscelânea bibliográfica no ensino da disciplina, certamente, um dos fatores que contribui para o movimento de esvaziamento da mesma.

No entanto, quando solicitado aos professores a indicação de três autores utilizados na disciplina de História da Educação I, as respostas foram as seguintes.

Quadro 1

Autores mais citados na disciplina de HE I.

Autores	Número de citações
Manacorda	10
Cambi	8
Aranha	6
Ponce	5
Aristóteles, Baeta Neves, Galvão, Giles, Hilsdorf, Homero, Luzuriaga, Paiva, Platão, Santo Agostinho, Saviani, Vieira e Xavier	1

Por esses dados, percebe-se que os manuais de história da educação ainda são o fio condutor desse saber escolar, de forma que juntos foram lembrados em quase 70% das respostas obtidas⁸: Manacorda 24%, Cambi 19%, Aranha 14%, Ponce 12%, outros 31%.

Se pudermos classificar as obras acima como manuais, diríamos que são textos que pela sua organização, orientam-se por uma perspectiva cronológica tradicional, cuja visão da história é aquela dividida rigidamente em etapas, o que indica pouca ou quase nenhuma renovação historiográfica ao menos no que diz respeito ao ensino da disciplina de História da Educação I. Borges e Gatti Jr. (2010), afirmaram que quase a metade dos planos de ensino pesquisados são organizados dessa forma:

⁸ Warde (2011, p. 328) aponta o distanciamento entre as pesquisas produzidas pelos professores-pesquisadores da área e o ensino na graduação existindo “grande distância entre o perfil das pesquisas e publicações dos 140 docentes-autores e os títulos de História da Educação mais vendidos.” Entre esses títulos, vários manuais arrolados em nosso levantamento.

No que se refere à seleção dos conteúdos, os planos pesquisados respeitam uma organização temporal, na qual o delineamento do que será ensinado segue a divisão tradicional usada comumente em História Geral, a saber: Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea, o que desdobra-se em: Educação na Antiguidade; Educação na Idade Média; Educação Moderna; Educação Contemporânea. Esse tipo de organização está presente em 60 dentre as 124 disciplinas pesquisadas, ou seja, em aproximadamente 48% do total. (p. 32)

Esses dados suscitam alguns questionamentos importantes para a compreensão da cultura profissional e formação dos professores de história da educação, como: a formação dos docentes da área em nível de graduação e pós permite a construção de conhecimento autônomo sobre a história da educação que romperia com a velha fórmula baseada na cronologia? O que a adoção do manual no ensino da disciplina revela sobre a cultura profissional desses professores?

Essas questões são apenas indicativas dos desafios colocados no ensino da história da educação, por vezes apontada como excessivamente propedêutica. Pelo seu caráter de disciplina formativa, afirmou Warde (2011, p. 307), “nos currículos dos cursos de Pedagogia, como ocorre nos tradicionais bacharelados de Ciências Humanas, as disciplinas de fundamentos não tendem à formação especializada e sim à generalista.”

Quando indagamos os professores sobre a bibliografia utilizada nas disciplinas de História da Educação II e III, apesar das respostas terem sido em número menor, pois a maior parte dos professores atua na primeira parte da disciplina, reflexo também da organização curricular dos cursos de Pedagogia já que nem todos contam com as três etapas da disciplina, a variedade dos autores lembrados foi bem maior, sugerindo também, uma maior diversificação da natureza das obras, ou seja, a presença dos manuais não é tão evidente.

Quadro 2

Autores mais citados nas disciplinas de HE II e III.

Autores	Número de citações
Saviani	8
Romanelli	5
Xavier	3
Faria Filho	3
Veiga	3
Bastos	2
Mendonça	2
Antonil, Arroyo, Azevedo, Alves, Bencostta, Biccias, Bonato, Cardoso, Carvalho, Castanho, Certeau, Chagas, Comenius, Constant, Cunha, Del Priori, Freitas, Gatti Jr, Ginzburg, Góes, Gondra, Guiraldelli, Hobsbawn, Levy Santos, Lombardi, Lopes, Ribeiro, Rosseau, Sanfelice, Santo Agostinho, Thompson e Vidal	1

A intercalação de autores brasileiros aos estrangeiros e clássicos da literatura reflete o conteúdo próprio a segunda e terceira etapa da disciplina que, em geral, tem como referência a educação brasileira, de forma que a opção pelos trabalhos de pesquisadores cujo objeto é esse, é a maioria.

A adoção do manual didático por professores de todas as faixas etárias revela parcialmente a cultura profissional do professor, já que essas obras se constituem em verdadeiras gramáticas, em geral são portadoras de métodos e de técnicas de ensino, além de propor e orientar processos de avaliação (aqui em específico no caso de Aranha). Todos eles apresentam seleção sistemática de conteúdos, os quais são concebidos articulados aos objetivos de ensino, bem como as finalidades sociais que devem atender.

Assim, entendemos que esses manuais seriam mediadores dos processos de ensino e aprendizagem, demarcando-os pedagógica e didaticamente, processos estes constituintes intrínsecos da cultura profissional do docente da disciplina de História da Educação I (Araújo; Ribeiro; Souza, 2011).

A utilização do manual, de certa forma, corrobora para uma padronização do discurso e nos conduz a indagações quanto à formação desses professores, mas também mostra certa homogeneidade na utilização de alguns recursos didáticos, como por exemplo, o recurso ao cinema nessas aulas, citado como instrumento de prática de ensino por 88% dos professores.

Os filmes utilizados na disciplina de História da Educação apontam para um repertório limitado como podemos ver, especialmente, no que se refere à primeira etapa da disciplina (HE I).

Quadro 3

Filmes mais lembrados na disciplina de HE I.

Filme	Número de citações
O nome da rosa	6
Em nome de Deus	6
A missão	6
Documentários (A invenção da infância, etc.)	3
300, A história oficial, Agora, Ao mestre com carinho, Conrack, Desmundo, Giordano Bruno, Inquisição, Lutero, O que é isso companheiro, Tempos modernos, Tróia e Um filme falado.	1

As respostas dos professores em relação aos objetivos da utilização do cinema nas aulas de história da educação foram muito aproximadas. Em geral, percebe-se que os filmes são utilizados com o objetivo de contextualização ou ilustração de determinado período histórico: “contextualizar a educação”, “diálogo com os textos escritos”, “debates, ilustração, identificação conceitual”, “diversidade na formação”, “apresentar a época”, “relacionar as teorias e afirmações sobre a história com as imagens”, “a representação de outra época”, “auxiliar na compreensão do texto, por conta da linguagem imagética”, “problematizar a história, o trabalho com fontes”, “problematizar e ilustrar os temas”, “contextualizar o período” e “diversificar abordagens metodológicas e motivar”.

Vemos acima uma gama variada de intenções com o uso da linguagem cinematográfica na sala de aula, como a proposta de promover formação a partir de linguagens diversas, além de se ter a expectativa de motivação para o estudo da disciplina por meio do cinema. Em uma das respostas reconhece-se que a película é apenas uma representação de época e, em outra, surge a idéia de problematização da história via diversificação de fontes.

Contudo, é importante inferir que a utilização do cinema como recurso pedagógico nas aulas de história da educação tem apontado para o uso da imagem como ilustração e até reprodução da realidade, quando deveria ser entendida como mais uma representação de determinado contexto, a partir da produção de uma linguagem própria. Isso pressupõe uma série de indagações que vão muito além do *glamour* visual, de forma que o professor deve passar por um processo de educação do olhar que lhe possibilite ler as imagens cinematográficas, antes do uso desse recurso didático.

Mesmo reconhecendo que a sociedade contemporânea está mergulhada num mundo de imagens, esta é uma proposta de trabalho pedagógico que continua sendo ousada nos dias atuais, já que o uso do cinema como recurso pedagógico deve auxiliar os alunos na interpretação dos fenômenos sociais, sendo entendido também como lugar do imaginário para o ensino da história (Nóva; Nova, 1998).

As respostas obtidas em relação ao uso de recursos intertextuais, além de revelarem que o cinema é o recurso mais utilizado, apontaram para outros, a saber: cinema 88%, revistas e jornais 63%, história da educação local 54%, literatura 51%, sites 48%, músicas e iconografia 48%.

Em relação às revistas, a mais lembrada foi a Revista Brasileira de História da Educação, e, em relação aos sites mais visitados foram citados Histedbr e Scielo.

Os 45% que declararam trabalhar com música e iconografia indicaram a MPB e as imagens dos prédios das instituições escolares, bem como retratos de seu cotidiano. Muito embora 54% apontaram utilizar textos de história da educação local, esses não foram citados no questionário. Por fim, 51% usam a literatura, especialmente os escritores brasileiros como Lima Barreto e Machado de Assis.

A inserção dos recursos multimídia na cultura profissional do docente da disciplina é uma realidade cada dia mais presente: quase 80% diz fazer uso de projetor de multimídia e do computador em sala de aula. Porém, o retroprojetor foi citado por 42% dos professores, o mesmo número daqueles que usam aparelhagem de som nas aulas. O recurso ao quadro branco ou negro ainda é utilizado por 80% dos professores.

Sobre os processos avaliativos, é perceptível sua diversificação: 67% dos professores aplicam seminários (avaliação oral), 63% adotam a prova escrita, 42% indicam aos alunos o trabalho monográfico, 39% solicitam relatórios, 18% realizam a auto-avaliação e outros processos avaliativos somam 29% tais como resumos, portfólio, resenhas, etc. Percebe-se que muito embora exista diversidade nessas práticas, a adoção das avaliações escritas é predominante em todas as faixas etárias dos professores consultados.

Considerações finais

O perfil do docente de história da educação poderia ser definido da seguinte maneira: do sexo feminino, teria 45 anos, graduada em Pedagogia ou História há cerca de duas décadas e ministrando a disciplina de História da Educação I, em instituições de ensino superior públicas há 8 anos em média, onde orientaram monografias e trabalhos

de conclusão de curso na graduação vinculados ao campo da disciplina. Doutoradas em educação, também lecionaram seis anos em média em outros níveis de ensino (médio ou fundamental).

O perfil apresentado acima tem relação com a constituição da disciplina como saber escolar, especialmente, no que tange ao processo de feminização da mesma, já que em seu princípio a História da Educação surge nos cursos de formação de professores, o Normal, espaço que desde o século 19 seria ocupado pelas mulheres. O olhar sobre as metodologias utilizadas pelos docentes indica tal evidência, ao se constatar, por exemplo, que os manuais continuam sendo utilizados de forma predominante nessa disciplina.

O manual didático também é uma expressão do currículo e da disciplina escolar, estando associado à construção da escolarização, desde o nível superior, de origem medieval, à educação secundária desde o século 15, e à primária e à infantil desde o século 19, demonstrando, dessa maneira, a cristalização da disciplina de História da Educação I, quando olhada não pelo seu conteúdo, mas na forma de sua organização baseada na visão tradicional da história:

Há muitos indícios de que, no âmbito da História da Educação, a grande maioria dos professores consegue minimamente organizar os conteúdos em sala de aula quando dispõe de manuais organizados com base nos princípios ocidentais mais tradicionais de espaço e tempo. (Warde, 2011, p. 330)

O que buscamos inferir é que mesmo com a utilização de diferentes recursos didáticos, um número restrito de manuais continua sendo a linha mestra da organização desse conhecimento escolarizado, de forma que os ganhos da pesquisa científica nessa primeira etapa da disciplina não são incorporados ao cotidiano escolar.

Os rumos da pesquisa nesse campo parecem bastante heterogêneos no momento atual, mas isso não se reflete no ensino da história da educação, de forma que essa disciplina “floresce no âmbito de grupos de pesquisa específica, relativamente apartados das demandas profissionalizantes dos Cursos de Pedagogia em que a disciplina é predominantemente oferecida” (Warde, 2011, p. 333).

Assim, nossa perspectiva foi a de levantar algumas especificidades da disciplina a partir do perfil do docente e de suas metodologias, agregando elementos a discussão que tem sido feita nas últimas duas décadas sobre o provável processo de secundarização da disciplina de História da Educação nos currículos dos cursos de formação de professores, o que tem levado a sua simplificação didático-teórica.

Referências

- ARAÚJO, José Carlos; RIBEIRO, Betânia Oliveira Laterza; SOUZA, Sauloéber Tarsio. Haveria uma historiografia educacional brasileira expressa pelos manuais didáticos publicados entre 1914 e 1972? In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; GATTI JÚNIOR, Décio (org.). *O ensino de história da educação*. Vitória: Edufes/SBHE, 2011, p. 95-143.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Apresentação. IN: CHERVEL, André; COMPERE, Marie-Madeleine. As humanidades no ensino. *Educação e Pesquisa*, São Paulo: USP, v. 25, n. 2, 1999, p. 147-148.
- BORGES, Bruno Gonçalves; GATTI JÚNIOR, Décio. O ensino de história da educação na formação de professores no Brasil atual. *Revista Histedbr Online*, Campinas: Unicamp, n. 40, 2010, p. 24-48.
- BRASIL. *Censo da educação superior*. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.
- ESCOLANO BENITO, Augustín. La investigación historico-educativa y la formación de profesores. *Revista de Ciencias de la Educación*, Madrid: ICCE, n. 157, 1994, p. 55-69.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes; RODRIGUES, José Roberto Gomes. A história da educação programada. *Revista Brasileira de História da Educação*. São Paulo: SBHE, n. 6, 2003, p.159-175.
- GATTI JÚNIOR, Décio. Investigar o ensino de história da educação no Brasil: categorias de análise, bibliografia, manuais didáticos e programas de ensino (séculos 19 e 20). In: GATTI, Décio; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). *O ensino de história da educação em perspectiva internacional*. Uberlândia: Edufu, 2009, p. 95-130.
- GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (org.). *História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas: Autores Associados, 2005.
- MAGALHÃES, Justino. A história das instituições educacionais em perspectiva. In: GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs.). *História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações*. Campinas: Autores Associados/Uberlândia: Edufu, 2005, p. 91-103.
- MAGALHÃES, Justino. Fazer e ensinar história da educação. In: MAGALHÃES, Justino. *Fazer e ensinar história da educação*. Braga: Lusografe, 1998, p. 9.
- MAGALHÃES, Justino. O ensino da história da educação. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; GATTI JÚNIOR, Décio (org.). *O ensino de história da educação*. Vitória: Edufes/SBHE, 2011, p.175-210.
- MONARCHA, Carlos. História da educação brasileira: história da formação do campo. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Nascimento et al. (orgs.). *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 125-150.
- NÓVOA, Antonio. *História da educação*. Relatório da disciplina História da Educação apresentado no âmbito das provas para obtenção da agregação. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 1994.
- NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António. (org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto, 1995.
- NOVÓIA, Jorge; NOVA, Cristiane (org.). *Interfaces da história*. Caderno de Textos. v. 1, n. 1. Salvador: Bahia, 1998.

- NUNES, Clarice. O ensino da história da educação e a produção de sentidos na sala de aula. *Revista Brasileira de História da Educação*. São Paulo: SBHE, n. 6, 2003, p. 115-157.
- NUNES, Clarice. Historiografia da educação e ensino: problematização de uma hipótese. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Anped, v. 1, 1996, p. 67-79.
- RODRIGUES, José Roberto Gomes. O ensino de história da educação: um olhar reflexivo a partir de planos e programas curriculares. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; GATTI JÚNIOR, Décio (org.). *O ensino de história da educação*. Vitória: Edufes/SBHE, 2011, p. 145-173.
- SANTOS, Leonor. *A prática lectiva como actividade de resolução de problemas*. 2000. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/msantos/tese/C2-CulturaProfissional.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2011.
- SOUZA JÚNIOR, Marcílio; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões. *Educação e Pesquisa*, São Paulo: USP, v. 31, n. 3, 2005, p. 391-408.
- VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Anpuh, v. 23, n. 45, 2003, p. 37-70,
- VILLELA, Heloísa de Oliveira. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 95-134.
- WARDE, Mírian Jorge. Brincando nos campos do senhor: anotações para a formação dos professores e do ensino da história da educação no Brasil. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; GATTI JÚNIOR, Décio (org.). *O ensino de história da educação*. Vitória: Edufes/SBHE, 2011, p. 305-335.

SAULOÉBER TÁRSIO DE SOUZA é graduado e mestre em História pela Unesp/Franca e doutor em Educação pela Unicamp. Professor de História da Educação da Universidade Federal de Uberlândia - campus do Pontal.
Endereço: Rua Ítalo Gentil, 145 - 38302-152 - Ituiutaba - MG.
E-mail: sauloeber@gmail.com.

BETÂNIA DE OLIVEIRA LATERZA RIBEIRO é graduada em Pedagogia pela Uniube, mestre e doutora em Educação pela USP. É professora na Universidade Federal de Uberlândia.
Endereço: Rua Saul Ribeiro Carvalho, 686 - 38304-212 - Ituiutaba - MG.
E-mail: betania@pontal.ufu.br.

Recebido em 13 de agosto de 2011.
Aceito em 21 de outubro de 2011.